

Ocupação de escolas nas férias acabará com excedentes no Sul

Porto Alegre — 24/08/88

PORTE ALEGRE — A futura secretaria estadual de Educação do governo Alceu Collares e primeira dama do estado, Neuza Canabarro, pretende fazer uma revolução na estrutura do ensino do Rio Grande do Sul, criando três inícios de ano letivo, em janeiro, março e maio, intercalando períodos de aulas e férias, para poder colocar os 300 mil alunos excedentes nas salas de aula. O projeto acaba com as tradicionais férias de janeiro e fevereiro para todos (alunos, professores e pais das crianças), atingindo um arraigado hábito cultural dos gaúchos que se deslocam em massa para as praias nos dois primeiros meses do ano.

O novo sistema deverá ser implantado a partir de 1992 com um rodízio de quatro meses de aula, dois de férias, mais quatro meses de aula e um ou dois de férias. É "a única saída, a única solução", segundo Neuza Canabarro. Ela alega a impossibilidade de se obter Cr\$ 1 trilhão (equivalente a dois orçamentos do estado para 1991), que seriam necessários para construção de três mil escolas, cada uma com 3 mil m² de área construída, além de equipamentos e material escolar, para absorver as 300 mil crianças excedentes. A solução provisória para este ano será o aproveitamento de quase 100 centros comunitários e associações, para abrigar parte dos excedentes.

"Só para a construção das três mil escolas seriam necessários Cr\$ 468 bilhões, o que é impossível a curto, médio e longo prazo. O governo Collares estabeleceu, como prioridade absoluta, a educação. Nós vamos mesmo mexer nas estruturas acomodadas e transformar, efetivamente, as escolas em empresas que produzem educação", frisou Neuza Canabarro. Para ela, "não se pode mais aceitar que as escolas permaneçam fechadas 90 dias por ano".

O sistema de ensino tradicional prevê o início das aulas em março, uma interrupção de 15 dias em julho, e aulas até o início de dezembro, sobrando ainda como períodos de férias metade de dezembro e os meses de janeiro e fevereiro. Pelo projeto de Neuza Canabarro, sempre haverá uma turma em férias e paralela ocupação da mesma escola por outros dois grupos, com utilização



Neusa: escola fechada 90 dias por ano é desperdício

do estabelecimento escolar durante os 12 meses do ano.

Neusa considera sua fórmula a única maneira de sobrarem recursos para recuperação e modernização das escolas e para melhorar os baixos vencimentos do magistério. Mas, até agora, tanto o Centro de Professores, com seus mais de 100 mil associados, como os círculos de pais e mestres das escolas, têm sido cautelosos na análise do projeto.

O representante brasileiro no Conselho Sul-Americano de Círculos de Pais e Mestres, Jocelym Azambuja, disse ser necessário um estudo aprofundado para ver se a fórmula é mesmo mais econômica do que a construção de novas escolas e se não implicará na contratação de mais professoras. Ele também quer saber como ficarão os funcionários das escolas que são pagos

não pelo estado, mas pelas associações de pais e mestres.

"Há também a questão cultural da tradição de férias em janeiro e fevereiro. Há necessidade de contatos com o comércio e a indústria, que também centralizam as férias dos seus funcionários nesse período. A nova fórmula pode levar a que a família (pai e mãe trabalhando e dois, três filhos na escola) não mais se encontre no período de férias. As dificuldades de relacionamentos de casais já são tão profundas que, pelo menos no período do descanso anual, é preciso que a família possa estar junta e tenha um convívio. Tudo será analisado neste ano e se não houver solução para todas as questões, obviamente o projeto será rejeitado pela comunidade", afirmou Jocelym Azambuja.